intexto
E-ISSN 1807-8583

UFRGS
PPGCOM

Artigo

Acontecimentos do acontecimento na Comunicação: a perspectiva da Semiótica Crítica, da semiose à contra-efetuação

Alexandre Rocha da Silva
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Porto Alegre, RS, Brasil
ORCID https://orcid.org/0000-0002-1194-6438

Luis Felipe Silveira de Abreu
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Porto Alegre, RS, Brasil
ORCID https://orcid.org/0000-0002-2460-5165

André Corrêa da Silva de Araujo
Associação de Práticas e Pesquisas em Humanidades, Porto Alegre, RS, Brasil
ORCID https://orcid.org/0000-0002-3579-2963

Cássio de Borba Lucas
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Porto Alegre, RS, Brasil
ORCID https://orcid.org/0000-0003-1642-8274

Giovana dos Passos Colling
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Porto Alegre, RS, Brasil
ORCID https://orcid.org/0000-0001-8690-6759

Isabelle do Pilar Mendes
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Porto Alegre, RS, Brasil
ORCID https://orcid.org/0000-0001-7581-0129

Jacqueline Kneipp Dal Bosco
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Porto Alegre, RS, Brasil
ORCID https://orcid.org/0000-0002-8459-1543

João Fabrício Flores da Cunha
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Porto Alegre, RS, Brasil
ORCID https://orcid.org/0000-0002-3347-0872

Intexto, Porto Alegre, UFRGS, n. 54, Edição especial em homenagem a Alexandre Rocha da Silva, e-120304, 2022.
http://doi.org/10.19132/1807-8583202254.120304

Lennon Pereira Macedo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Porto Alegre, RS, Brasil
ORCID https://orcid.org/0000-0002-3686-0550

Luiza Müller
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Porto Alegre, RS, Brasil
ORCID https://orcid.org/0000-0002-3397-7091

Mario Alberto Pires de Arruda
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Porto Alegre, RS, Brasil
ORCID https://orcid.org/0000-0003-1455-7224

Victoria da Silva Morele
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Porto Alegre, RS, Brasil
ORCID https://orcid.org/0000-0003-4974-4273

Resumo

Este artigo apresenta parte do percurso traçado pela pesquisa *Semiótica Crítica: a Comunicação como acontecimento*. Como ponto de entrada ao trabalho, apresentaremos aqui a hipótese central e nossos objetivos; a saber, a percepção de que o conceito de acontecimento, a despeito de sua importância, tem dispersão na área da Comunicação, e flutua entre compreensões empiristas, funcionalistas e/ou fenomenológicas. Entrevendo outra vida possível ao conceito, com outra potencialidade à pesquisa comunicacional, passamos a investigar as dimensões pragmaticistas do acontecer, entre a semiótica de Charles Sanders Peirce e a filosofia de Gilles Deleuze. Ao pensar o acontecimento nos seus efeitos, com sua efetuação e contra-efetuação inseparáveis, abre-se espaço a um pensamento da Comunicação que não reifique seus objetos ou a experiência, focando em compreender as traduções aí envolvidas.

Palavras-chave

Acontecimento; Semiótica Crítica; Semiose; Contra-efetuação

1 Introdução

Um espectro assombra as teorias da Comunicação. Esse espectro é o *acontecimento*, tantas vezes negado, em outras afirmado, em algumas circunstâncias negligenciado e em outras tantas reificado.

O que quer dizer essa assombração? Diz de uma espécie de *irresolução*, que leva a essa permanência. Parece, ao campo, que o conceito de acontecimento tem algo a dizer sobre a Comunicação, ainda que não bem o articule ainda, que só o murmure. Na tentativa de traduzir seu lamento, persegue modos de traduzi-lo, de corporificá-lo.

Podemos começar a abordar a questão a partir de um diagnóstico vizinho. Aquele que o historiador François Dosse (2013) realiza, lendo um assombro semelhante no palco mais amplo das Ciências Humanas: haveria uma espécie de *renascimento do acontecimento*. Esse renascer comporta alguns sentidos: é tanto uma espécie de retomada no conceito, central a áreas como a História e a Sociologia em meados do século passado, mas já algo empoeirado; e também um re-nascer simbólico, transformativo. O acontecimento de que se falaria hoje não é o mesmo acontecimento que o pensamento ocidental formulou para pensar o Maio de 1968[1] – algo *aconteceu* com ele. Dentre os vários fatores envolvidos nessa transmutação, está o recrudescimento das tecnologias de informação, dos meios de comunicação – de modo, inclusive, que o acontecimento passa a se confundir com sua própria transmissibilidade midiática (DOSSE, 2013).

A Comunicação seria, portanto, o *locus* privilegiado para se avaliar essa tão forte e revoltosa noção, que se recusa a definições fáceis (mas, ao mesmo tempo, se abre a muitas interpretações de senso comum). Mas fazê-lo é não apenas sopesar os modos de aparição dos eventos na mídia, por exemplo; seria preciso entender o que é a *acontecimentalização* da Comunicação, bem como no que implica, epistemologicamente, esse imperativo do acontecimento em ser *comunicado*.

Parece-nos que é nosso campo que pode resolver a tensão descrita por Dosse (2013), o nó central à compreensão deste conceito: "entre o acontecimento identificado com os vestígios que ele deixa atrás de si e o acontecimento concebido na sua efetuação real" (DOSSE, 2013, p. 340). É justo sobre o cruzar dessas linhas que situamos também a perspectiva da Semiótica Crítica, projeto de pesquisa empreendido pelo Grupo de Pesquisa

[1] Forma de se referir aos intensos protestos de rua que tiveram lugar em Paris, em maio de 1968, comandados sobretudo pelos movimentos estudantis. O *Maior de 1968* é referência constante para estudos sobre o acontecimento e comunicação, como a reflexão de Dosse (2013) por ter conjugado de forma até então inédita um exercício de política direta com sua elaboração midiática, em cartazes, palavras de ordem, pichações, produção gráfica, rádios clandestinas.

em Semiótica e Culturas da Comunicação (GPESC), desde 2014, e que visa a desenvolver a reflexão sígnica de seus agenciamentos materiais e micropolíticos, bem como por seu viés pragmaticista (GRUPO DE PESQUISA... *et al.*, 2020).

Além disso, se o acontecimento assombra nossa área, o tratamento desse fantasma muito pouco se voltou a entender seu aspecto *sígnico*, que acreditamos central para entender sua operação comunicacional. Para chegar aí, partimos aqui da identificação de diferentes tratamentos dados ao conceito na área, a partir de abordagens da teoria do jornalismo, da metodologia da pesquisa em Comunicação e da filosofia – para então, identificando continuidades e rupturas, poder circunscrever como sua operação implica em problemas do pensamento semiótico e da Teoria da Comunicação.

2 Algo aconteceu: o acontecimento nas pesquisas brasileiras em Comunicação

Foi necessário começar a perguntar: o que acontece com o acontecimento *aqui* e *agora*? Para entender como tal "renascimento" se dá no âmbito de nossas investigações e atuações, na área de Comunicação no Brasil, foi necessário constituir um estado da arte das pesquisas a respeito do tema. Deste emaranhado de perspectivas, gostaríamos aqui de destacar a experiência de alguns grupos de pesquisa que trataram e tratam frontalmente do conceito, e cujas abordagens nos parecem oferecer um quadro compreensivo da encarnação daquele tão estranho espectro em nossa área.

A primeira iniciativa destacada é a pesquisa *Tecer: jornalismo e acontecimento* (BENETTI; FONSECA, 2010), iniciativa em cooperação entre os Programas de Pós-Graduação em Comunicação de quatro instituições – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). A própria iniciativa já realizou um levantamento das teorias sobre o acontecimento, sobretudo o jornalístico, correntes na área – e, a partir daí, produziu suas sínteses, que podemos considerar paradigmáticas ao tratamento do conceito. É central nele, como se vê, a concepção de Adriano Duarte Rodrigues (1993, p. 27) do acontecimento jornalístico como "tudo aquilo que irrompe a superfície lisa da história dentre uma multiplicidade de fatos virtuais".

Rodrigues (1993) – e seus leitores – apura a definição de acontecimento como o avesso da racionalidade, o inesperado. No caso do jornalismo, a noção mais utilizada de

acontecimento está intrinsecamente ligada aos fatos que acontecem na realidade. Estaria *fora* do texto, ficando na relação entre os fatos e as consequências diretas sobre a vida em determinada sociedade. O jornalismo seria o mediador que possui a tarefa de trazer esse acontecimento *exterior* para a *interioridade do texto* – sendo um lugar de passagem e transformação, no qual o acontecimento se torna *comunicado*.

Isso se lê de forma mais demarcada nas reflexões de Benetti (2010), e sua aproximação deste acontecimento jornalístico das noções de acontecimento discursivo. Em consonância com o entendimento disruptivo de Rodrigues (1993), aí se entende que o acontecimento jornalístico é estabelecido a partir de uma concepção "[...] funcional da história: o excepcional em relação ao comum, o desvio em relação à norma" (BENETTI, 2010, p. 145). Essa quebra da regularidade só pode ser percebida através de mapas culturais que ordenam a realidade. Para Benetti, "[...] a razão de ser do jornalismo é dar aos fenômenos sociais o estatuto de acontecimento, segundo critérios de notabilidade" (BENETTI, 2010, p. 162).

O acontecimento *faz* o jornalismo; dá-lhe razão de ser e um propósito de reportagem. Mas também o jornalismo é quem *faz* o acontecimento, na medida em que o visibiliza a partir de seu quadro de instrumentos e ferramentas discursivas. Aparece aqui um primeiro nó, importante a nossos objetivos: como conjugar essa visada *funcional* do acontecimento na Comunicação com uma perspectiva *ontológica* da *Comunicação como acontecimento*? Isto é: podemos pensar que o acontecimento *pré-existe* a sua notícia? Se sim, como? E, aí, qual a função dessa notícia? Apenas informar o trovão que irrompe, para que dele tenhamos ciência? Ou há algo de uma *ação do comunicar* sobre o próprio corpo de coisas reportado? A tal "superfície lisa", abalada pela acontecimentalidade, é apenas a da História, ou também o corpo da Comunicação se abala?

Esse problema é central ao campo, e podemos vê-lo sendo tratado em trabalhos do Laboratório de Investigação do Ciberacontecimento (LIC), vinculado à Unisinos. Podemos lê-lo na reflexão de Ronaldo Henn, quando postula que: "O que reivindico para o jornalismo são modos de abordar e narrar os acontecimentos que, em algum nível, consigam restituir algo dessa radical singularidade que se perde nas convenções da linguagem jornalística e nos enquadramentos hegemônicos" (HENN, 2014, p. 66). Vemos que há um reconhecimento da capacidade de *ação retroativa* da narrativa comunicacional do acontecimento; e a impossibilidade dessa restituição pela própria estrutura do jornalismo enquanto dispositivo narrativo. Essa inapreensibilidade é que vai constituir uma das principais características do

acontecimento em nosso campo; sua radicalidade está justamente em se desviar do olhar atrofiado a ver apenas o cotidiano. E é esse desnível entre tal poder de fuga – e os instrumentos de captura de que a Comunicação dispõe – que passa a guiar os estudos no campo, sobretudo no jornalismo.

Podemos acompanhar um desenvolvimento dessa perspectiva nos trabalhos de Vera França, uma das mais destacadas pesquisadoras do acontecimento. Junto ao Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade, da UFMG, França (2016) trata-o primordialmente como *conceito*. Isso implica em, a partir da perspectiva de autores como Louis Queré e Maurice Mouilland (centrais a essa abordagem comunicacional brasileira), tecer uma abordagem construtivista do acontecimento, pois este "*faz falar*" e, assim, possibilita investigar discursos midiáticos e sociais. Para além de um empirismo mais imediatista, sua visada procura perceber as associações entre as afetações do *real* e dos sujeitos. Defende-se que o acontecimento possibilita visualizar de que forma os discursos levam a outra organização de perspectivas distintas, a partir das ações que os sucedem. Assim, o acontecimento "[...] não significa apenas quando se faz discurso, mas é ele que tensiona os sentidos existentes, demanda ser compreendido e impulsiona o processo de semiotização dentro do qual passa a uma outra fase de sua existência" (FRANÇA, 2012, p. 45).

Esse enfoque evidencia a formulação discursiva expressa pelas mídias, sem a qual o fato não se torna acontecimento – e, também, passa a tomar a entender que "[...] o acontecimento é dotado de um poder hermenêutico; é suscitador de conhecimento" (FRANÇA, 2012, p. 13). Isso é, torna um instrumento heurístico para a pesquisa comunicacional. O que ele faz falar? E o que fala *das* mídias, não apenas *nas* mídias?

Por fim, nos aproximamos da perspectiva desenvolvida nas últimas décadas pelo FiloCom – Núcleo de Estudos Filosóficos da Comunicação, vinculado à Universidade de São Paulo (USP) e coordenado por Ciro Marcondes Filho. Como parte da construção de sua Nova Teoria da Comunicação, o grupo passa a ter um entendimento epistemológico do acontecimento – e vai chegar a tomá-lo enquanto sinônimo da própria Comunicação:

> Comunicação é antes um processo, um *acontecimento*, um encontro feliz, o momento mágico entre duas intencionalidades, que se produz no 'atrito dos corpos' (se tomarmos palavras, músicas, ideias também como corpos); ela vem da criação de um ambiente comum em que os dois lados participam e extraem de sua participação algo novo, inesperado, que não estava em nenhum deles, e que altera o estatuto anterior de ambos, apesar de as diferenças individuais se manterem. (MARCONDES FILHO, 2007, p. 15, grifo nosso).

O acontecimento como uma espécie de "neutro" (MARCONDES FILHO, 2004, p. 69) é o que proporciona a criação deste espaço comum onde as consciências poderiam se encontrar e então *comungarem*; isto é, *comunicarem*. Marcondes Filho (2004, p. 69) frisará ainda que "[...] esse acontecimento situa-se num campo transcendental impessoal e pré-individual, que não tem nada que ver com o campo empírico".

Vemos, então, como a perspectiva do acontecimento muda, de *objeto* da Comunicação, para a sua *experiência*. Isso leva a afirmar, por exemplo, que só há Comunicação na medida em que há um acontecimento comunicacional que coloque os atores em um diálogo intersubjetivo e transformador de cognições – o que leva a desconsiderar a linguagem, por exemplo, enquanto garantidora de Comunicação (MARCONDES FILHOS, 2007, p. 93). Ao contrário, as linguagens mascarariam a verdadeira essência do comunicacional, interpondo-se entre as trocas genuínas entres os sujeitos.

Isso explica, por exemplo, sua recusa contínua da semiótica enquanto teoria útil à Comunicação, como se lê de modo mais direto na crítica a Charles Sanders Peirce (MARCONDES FILHO, 2018). Para Marcondes Filho, essa teoria não seria suficientemente *fenomenológica*, a despeito de como se coloca, por pensar a *usabilidade* dos signos, em desprezo a um olhar sobre a concretude dos eventos que os motivariam (MARCONDES FILHO, 2018). Para Marcondes Filho (2013), o acontecimento comunicacional se difere do *jornalístico*, social disruptivo, e do *filosófico*, imperceptível e cognitivo, ao conjugá-los na criação de um espaço de transformação interindividual, pré-linguístico, mas concreto – e para o pesquisador, estudá-lo implica em ultrapassar o simbólico e as "teorias interpretativas" (MARCONDES FILHO, 2018, p. 47).

Colocadas essas perspectivas, é necessário então entender as ranhuras deste mosaico. Que ideias sobre o acontecimento na/da Comunicação a área postula?

Vejamos com um exemplo à moda de Rodrigues (1993). Um acidente de carro, para a teoria do jornalismo, incita a produção de matérias a seu respeito; e os desafios estão em construir critérios de enquadramento (de noticiabilidade) capazes de darem conta da disrupção causada por aquele fato. Os vieses críticos, presentes em nosso campo, irão pensar também na debilidade constitutiva de tais critérios, perguntando-se se não haveria naquele acidente algo que desafiasse a capacidade de representação das mídias. Tanto a visada heurística, representada pelas pesquisas de França (2012), quanto a problemática epistemológica postulada por Marcondes Filho (2004), irão substituir essa inquietação empirista. A primeira, por uma expectativa de revelação, bem como de um retensionamento

da estrutura comunicacional: o quê a cobertura desse acidente de carro demonstra sobre o próprio jornalismo? A segunda, pela colocação do acontecimento em um espaço sensível e gerativo, condicional à própria comunicabilidade: o quê eu sinto diante de um acidente? Como eu compreendo seu impacto?

Vistas as diferenças, parece permanecer uma regularidade entre tais visões: há uma Comunicação inventada *pelo* acontecer. Os desafios da pesquisa estariam em compreender como ela se depreende daí; e como pode ser apreendida, na sua fugacidade fenomenológica. Mas compreender tal aspecto fenomênico não pode implicar em *reificar* o acontecimento – como percebemos ser um risco dessas abordagens estudadas.

Diante disso, como a Semiótica Crítica – enquanto pesquisa, mas também enquanto, ela própria um *acontecimento de pensamento* – pode contribuir ao atual quadro?

3 Algo acontecerá: o acontecimento na Semiótica Crítica

Desenvolvida em meio à Comunicação, a Semiótica Crítica tem de discordar desta no que toca às concepções correntes de acontecimento, na medida em que tem o *signo* como centro das suas preocupações. Considerar o aspecto iminentemente *sígnico* do acontecimento implica em rejeitar tanto a paixão empírica quanto sua transcendentalização em um ambiente onde o "comum" entende-se por espaço de transmissão.

Como lemos com Gilles Deleuze (1988, p. 356), essas recusas incorrem em, primeiro, entender que os fenômenos só se compreendem comunicacionalmente, isto é, nas suas difusões e traduções; e essa se deve a sua constituição sígnica, em uma estrutura disseminante composta de diferenças, que não tem relação causal entre si, mas sim enquanto agenciamentos concorrentes:

> Todo fenômeno fulgura num sistema *sinal-signo*. Chamamos de sinal um sistema que é constituído ou bordado por, pelo menos, duas séries heterogêneas, duas ordens disparatadas capazes de entrar em *comunicação*; *o fenômeno é um signo*, isto é, aquilo que fulgura nesse sistema graças à comunicação dos disparates. [...] Todo fenômeno é composto, porque cada uma das duas séries que o bordam não é apenas heterogênea, mas também composta de termos heterogêneos. (DELEUZE, 1988, p. 356, grifos nossos).

É preciso abrir essas ideias, de modo a deixar mais claros nossos contrapontos e nossas contribuições ao estudo desse espectro. Isso, neste artigo, passa por explorar essas

duas características por meio de duas abordagens semióticas do acontecimento: sua compreensão pragmaticista via Peirce (1994, 2017), entendendo o *acontecimento na sua semiose*; e a compreensão estoica de Deleuze (1988), que destaca a *contra-efetuação* inerente ao acontecer.

3.1 Acaso, força e hábito: traduções do acontecimento no pragmaticismo

Ao contrário do que lemos na acusação de Marcondes Filho (2007), o acontecimento tem lugar importante no pensamento de Peirce, que chega a conceber a Fenomenologia como aspecto primeiro de sua arquitetura filosófica (SANTAELLA, 1992).

Porém, o fenômeno aqui tem a ver com seu próprio conceito de signo, tido como aquilo que, sob determinado aspecto, representa algo para alguém. Ecoa-se aí a própria definição do fenômeno, ou *phaneron*, como é chamado: "[...] por *phaneron* eu entendo o total coletivo de tudo aquilo que está de qualquer modo presente na mente, sem qualquer consideração se isto corresponde a qualquer coisa real ou não." (PEIRCE, 1994).

Assim, o acontecimento seria algo que se apresenta à mente (e assim começamos a nos afastar da perspectiva que prega sua disrupção); e isto é entender que ele não o é nem o pode ser fora de uma *relação*. Ele existe na medida em que se apresenta enquanto signo a uma mente interpretante; e essa mente é, ela própria, outro signo, que poderá se apresentar faneroscopicamente a outros interpretantes, nas cadeias da *semiose*. Isto é, na sua vida *comunicacional*.

Isto não quer dizer de um abandono da "concretude" do acontecimento, de seu caráter de *hic et nunc* e de irrupção energética (que, na perspectiva peirciana que começamos a explorar aqui, parte de sua segunda 'ordem', a da secundidade). Apenas devemos considerar, em paralelo, suas outras dimensões como *igualmente irruptivas*: o acontecimento é simultaneamente fruto de um acaso violento e violenta, ele mesmo, nossas compreensões constituídas. Estamos próximos àquele mosaico de definições do acontecimento na Comunicação: de um lado, um privilégio a seu caráter disruptivo, de transformação de um cotidiano que precisa ser relatado; de outro, um campo intersubjetivo de contato e descoberta entre os sujeitos.

Porém, à luz da semiótica, vemos que essas dimensões não devem (nem mesmo podem) ser assepticamente separadas, sob pena de retornarmos a um simples relativismo. Vemos como, divididos, esses aspectos podem levar a uma reificação do real, ou, por outro

lado, à hipertrofia de um construtivismo subjetivista. Contra esses riscos, propomos a perspectiva da Semiótica Crítica como uma pragmática perspectivista do acontecimento, que é *acaso*, *força* e *hábito*.

Três substantivos, que correspondem aqui aos três movimentos que o pensamento *semiósico* do acontecimento tem de percorrer.

A noção de acaso, de saída, corresponderia a pensar o caráter faneroscópico da semiótica peirciana, capaz de dar conta das variedades possíveis de aparição de quaisquer fenômenos. Peirce (1994) adverte, neste sentido, que a faneroscopia não se interessa pela discussão sobre o quão correspondentes a uma realidade são os *phanerons* em questão. Não se trata de situar os *phanerons*, tampouco, na ordem do cerebral ou do fisiológico. Não se trata de explicá-los. Mas de analisar diretamente suas aparições enquanto tais. E sob que ordens pode um *phaneron* aparecer? Por meio de distintos tipos de consciência, que propomos pensar a partir das categorias faneroscópicas.

Visto pelo seu aspecto de primeiridade, o acontecimento é qualquer coisa de imprevisível, pertencente ao acaso. Ou melhor: devemos reconhecer a simples possibilidade do acaso instaurar um determinado acontecimento. No momento, porém, em que se instaura, certas qualidades devem necessariamente dar-lhe corpo, atualizando, já, potencialidades do acaso.

Já entendido como secundidade, o acontecimento é uma espécie de molição instantânea e efêmera, aparecendo como um *hic et nunc* irrepetível, resultado de esforços e resistências que não são conscientes. Mas é somente devido à própria noção de esforço – que implica a de resistência e vice-versa (PEIRCE, 1994) – que pode aparecer uma determinada consciência, consciência do choque, consciência do outro, consciência da diferença.

Por fim, se avançamos na ordem da terceiridade do acontecimento, devemos considerar em primeiro lugar sua capacidade de assumir uma relação triádica, isto é, a mera possibilidade que um acontecimento tem de vir a funcionar como signo. Assim, uma facada, por exemplo, pode vir a significar tanto uma simples ida ao hospital quanto, em outra análise, uma virada eleitoral. No momento em que se atualiza como signo (o conceito inequívoco da terceiridade), esta potencialidade passa a funcionar nas três dimensões sígnicas da qualidade, do existente e da representação. É nessa dimensão que se reterritorializam significações em vias de se institucionalizarem. Ideias se tornam crenças, artifícios se tornam natureza, os esquemas se solidificam. Qualquer acontecimento que tenha "significado" é irredutível às simples dimensões da "qualidade" e da "reação" (PEIRCE, 1994). Mas quando o

acontecimento se desdobra em signos, demonstrando suas potencialidades representativas, ele pode vir a instaurar uma mudança de pensamento e hábito.

É esse último aspecto – no que desdobra e imbrica os anteriores, sempre inextrincavelmente misturados –, do desdobramento em signos, que nos leva a avaliar como é a *força* do acontecimento, em como ela funciona dentro de sua operação pragmática. Podemos fazê-lo a partir da discussão da determinação entre o que aparece e o que é real.

O que aparece, acontece, é, à primeira vista, um acaso – como *comunicá-lo*? Diríamos aqui que sua própria aparição é já uma comunicação, na medida em que *é* signo. A semiótica vai se ater à vida dos signos. Não há um pensamento anterior aos signos que eu queira transmitir, tampouco uma compreensão pós-sígnica que o receptor, como indica a própria palavra, 'recebe'. Por suas três dimensões (em si mesmo, na sua relação com um objeto e na sua relação com um interpretante), o signo só remete a mais signos.

Isso não corresponde – é importante observar – a uma negação idealista do "mundo" ou dos "objetos em si mesmos" de que trata a Comunicação. Um arco-íris, mesmo que não o observemos, é um efeito existente da relação entre o sol e a chuva, em exemplo de Peirce (2017), assim como na demonstração feita na seção anterior, um acidente de carro exprime os efeitos do choque entre dois veículos e seus condutores. A violência da realidade que irrompe irrevogavelmente é um aspecto de secundidade presente em qualquer situação. O que se deve reconhecer é que conhecemos o arco-íris ou o acidente sob determinados caracteres, ligados tanto a um conhecimento colateral que informa o interpretante quanto às características representativas do *representamen* do signo por cuja mediação identificamos, como um efeito seu: o aro multicor sobre o céu ou o metal torcido sobre o asfalto.

O que acontece, portanto, já aparece como acontecimento sob a forma de signos. Mas é por meio desses mesmos signos que compreendemos a relação de insuficiência que eles mantêm com o acontecimento-objeto que representam. Disso decorre que o acontecimento, da perspectiva de uma Semiótica Crítica, é irredutível a um objeto ou estado de coisas no mundo que a comunicação deva designar. Somos convidados a conceber o acontecimento tanto como produção semiósica dos referentes, objetos e fatos, como dos efeitos que sua comunicação acarreta. O tempo do signo é o de hoje, de ontem e de amanhã.

Um acontecimento histórico, por exemplo, não é um fato encerrado na ordem do que se passou, e que podemos comunicar com mais ou menos acurácia. Ele não se encerra no passado, pois é retrabalhado em cada uma de suas atualizações semiósicas: sejam os traumas, os rastros, os sintomas. O significado de um fenômeno, conforme a máxima pragmaticista,

está sempre em seus efeitos. A Comunicação não deveria trabalhar, portanto, com uma avaliação da veracidade do relato do historiador ou do jornalista, mas com as ações, hábitos e crenças que suas semioses instauram. O signo está paradoxalmente ligado a um acontecimento que sempre o excede, ao mesmo tempo em que produz esse acontecimento sempre em vias de se reconstituir.

E como poderíamos pensar essa reconstituição? Ela apresenta o aspecto de *hábito*, dentre aqueles pelos quais enfocamos pragmaticamente o acontecimento. E isso se vê pela passagem do objeto dinâmico ao objeto imediato da Comunicação.

O objeto imediato é o objeto na medida em que o signo presente o apresenta, e o objeto dinâmico "[...] é a Realidade que sob algum aspecto tenta determinar o Signo para sua Representação" (PEIRCE, 1994). O primeiro depende, portanto, da natureza do signo em questão, enquanto o segundo lhe preexiste. Quando um fenômeno se nos apresenta – *acontece* – como signo, o que aparece como seu objeto representado, em nossa mente de intérprete singularmente informada, é seu objeto imediato. O signo, portanto, é, sob este aspecto, o resultado de uma espécie de operação tradutória que o objeto imediato oferece do objeto dinâmico. Mas este 'esforço' de tradução, por assim dizer, não existiria se uma força instauradora, que não podemos conhecer imediatamente, não viesse a engendrá-lo. Esta força é a realidade, que é como a propulsora da semiose. Porém, esta realidade é incognoscível até que adquira consistência na medida em que se regulariza em condutas previsíveis, hábitos adquiridos e crenças tranquilizadoras.

O que precisa ser observado é que o sentido de um acontecimento comunicacional passa pela dimensão do interpretante do signo. O interpretante é da natureza da terceiridade, a dimensão das regularidades. Enquanto fenômeno físico, a regularidade aparece como lei natural; enquanto fenômeno jurídico, como lei *stricto sensu*. Mentalmente, a regularidade se configura como uma crença. O importante na observação dessa dimensão é a ênfase no fato de que, se um acontecimento ou tendência não chega a se cristalizar como crença, não vem a constituir um hábito que determina diversos casos, o sentido desse acontecimento não ultrapassa a consistência dos interpretantes que o expressam de maneira efêmera. O interpretante último, o sentido dos signos, é a constituição e mudança de hábitos, como afirmou com clareza Peirce (1994).

Daí decorre a indissociabilidade paradoxal que a Comunicação deve reconhecer entre os acontecimentos e os hábitos. Podemos entender o hábito como um efeito, uma criação de possíveis que o acontecimento instaura por sua primeiridade diferenciante e irruptiva. Mas

também temos de reconhecer os hábitos como efeitos que dão a ver, retroativamente, o acontecimento que os instaurara. O sentido de um acontecimento, para uma Semiótica Crítica, está nos hábitos comunicacionais que fazem dele o acontecimento que ele provisoriamente é. Como já escrevemos:

> Assim, na perspectiva da Semiótica Crítica, pensamos haver uma relação necessária entre acontecimento e cadeia significante cujas semioses - com suas tensões, suas linhas de fuga, suas desterritorializações e reterritorializações – nos caberia descrever. (GRUPO DE PESQUISA... *et al*., 2020, p. 31).

A realidade é dinâmica porque cresce e se afasta na medida em que a apreendemos nos objetos imediatos da representação. E é por meio desta, pensada em Peirce (1994), como relação triádica de semiose, que a comunicação também cresce e desvia – não no sentido de uma veracidade a que devêssemos retornar, mas no de uma continuidade de efeitos que o pragmatismo reconhece e substitui às intencionalidades e a sujeitos da comunicação. E é nesse sentido que François Dosse, afirma que "[...] o acontecimento não se limita à sua efetuação" (DOSSE, 2013, p. 170), ele existe também em "[...] uma eternidade paradoxal pela qual algo de incorpóreo, de irrealizável, excede e sobrevive à efetuação" (DOSSE, 2013, p. 170).

3.2 Efeitos incorpóreos e os verbos das coisas: a contra-efetuação do acontecimento

Mas o que é sobreviver à efetuação? Sobreviver ao próprio sobrevoo, fazer-se ouvir para além de seu relâmpago inicial? Ao acontecimento não bastaria acontecer. Ou o acontecer já é outra coisa, irredutível a seu aspecto fenomenológico e só apreensível nas suas ressonâncias. Só é apreensível nos seus *efeitos*, diria a semiótica de Peirce. Diríamos nós, também, na carona deste pensamento sígnico; e o desafio de nossas pesquisas é descrever o modo de ação dessa contínua e forçosa tradutibilidade. Como a Comunicação poderia trabalhá-la, para além de uma transmissão, como motor dessa própria produção de sentido?

Compreendemos a questão a partir da provocação de Dosse (2013), aliada ao pensamento de Peirce. O incorpóreo, o irrealizável e a vida para além da efetuação são também elementos constitutivos da filosofia do acontecimento de Gilles Deleuze, autor fundamental às reflexões da Semiótica Crítica (SILVA; *et al*., 2013). Tais noções condensaram-

se aqui na reflexão sobre o que Deleuze (2015) entende por *contra-efetuação do acontecimento*.

Esse debate se dá na esteira da reavaliação do conceito de acontecimento estoico, que se resgata sobretudo na *Lógica do sentido* de Deleuze (2015). Para os estoicos, existem duas espécies de coisas no mundo: corpos, com sua física e suas tensões; e os estados de coisas correspondentes a estes, paixões e ações, determinados pelas misturas daqueles corpos. O tempo dessas coisas é o presente, concreto e infinitamente extensível, compreendido como o tempo de *Cronos*. Essa extensibilidade significa que não há relações de causa ou efeito entre os corpos. Todos são, ao mesmo tempo, causas uns para os outros (DELEUZE, 2015).

Os efeitos estão em outro lugar. Em outro tempo, que Deleuze (2015) chamará *Aion*; e mesmo em outro espaço físico. Ou não-físico, diríamos: os corpos produzem efeitos *incorporais*, "[...] não são qualidades e propriedades físicas, mas atributos lógicos ou dialéticos. Não são coisas ou estados de coisas, mas *acontecimentos*" (DELEUZE, 2015, p. 5, grifo nosso). Como encontro entre corpos, mas que se produz não em *Cronos* ou em *Aion*, mas em uma espécie de atravessamento entre os tempos, o acontecimento nunca é objeto ou substantivo, senão *verbo*. E verbo no infinitivo que expressa os encontros entre corpos: "cortar" como efeito do encontro da faca com a carne, "bater" como efeito do encontro do carro e do poste.

> Mas o que queremos dizer por 'crescer', 'diminuir', 'avermelhar', 'verdejar', 'cortar', 'ser cortado' etc., é de outra natureza: não mais estados de coisas ou misturas no fundo dos corpos, mas *acontecimentos* incorporais na superfície, que resultam destas misturas [...] os *acontecimentos*, não sendo nunca nada mais do que efeitos, podem tanto melhor uns com os outros entrar em funções de quase-causas ou de relações de quase-causalidade sempre reversíveis (a ferida e a cicatriz). (DELEUZE, 2015, p. 6-9, grifo nosso).

Essa filosofia passa a retirar, portanto, o acontecimento daquela reificação dos fatos e da novidade, que identificamos em algumas de suas abordagens comunicacionais costumeiras. Afinal, o acontecimento *não está* no fato, senão é a sua ação perpétua, relacional. O mundo – com suas facas, suas avenidas, seus encontros – não "*existe*", em tal perspectiva. Ele insiste, *acontece*.

Isso vai relacionar-se com o que afirmarmos a partir do pragmatismo de Peirce (1994) o mundo insiste sobre os signos, e estes como acontecimentos expressam as transformações. Mas talvez "expressam", com o sentido comum de "representam", não deixe

claro ainda a radicalidade que acreditamos existir nessa perspectiva. É preciso entender de que modo o acontecimento *se demonstra*, para além de ultrapassar a objetificação, também evitar as armadilhas de uma perspectiva por demais metafísica. Isso se deve a sua *dupla estrutura*, na medida em que "[...] em todo acontecimento existe realmente o momento presente da efetuação, aquele em que o acontecimento se encarna em um estado de coisas, um indivíduo, uma pessoa" (DELEUZE, 2015, p. 154), mas também porque, em simultâneo a esse momento, subsiste outro:

> Mas há, de outro lado, o futuro e o passado do acontecimento tomado em si mesmo, que esquiva todo presente, porque ele é livre das limitações do estado de coisas, sendo impessoal e pré-individual, neutro, nem geral, nem particular, *eventum tantum*...; ou melhor, que não há outro presente além daquele do instante móvel que o representa: sempre desdobrado em passado-futuro, formando o que é preciso chamar a *contra-efetuação*. (DELEUZE, 2015, p. 154, grifo nosso).

É sempre preciso, portanto, contra-efetuar o que acontece, para que não tomemos o acontecimento, erroneamente, como o evento do presente, o relâmpago no horizonte. Esse é apenas uma parte; resta contra-efetuá-lo, isto é, compreender a mudança incorpórea que se produz, transformá-la do regime dos corpos em outra coisa.

Deleuze (2015) insiste em tal necessidade, e vê os exemplos e meios para seu cumprimento na obra do poeta surrealista Joë Bousquets, paraplégico após ser ferido na Primeira Guerra Mundial. A poética de Bousquets é de uma contínua reflexão sobre sua condição, expressando o que lhe aconteceu. "Minha ferida existia antes de mim, nasci para encarná-la" é a sua fórmula que Deleuze (2015, p. 151) repete. A efetuação do incorpóreo "quebrar", encontro do projétil com a coluna vertebral, gera um efeito no corpo de Bousquets; mas a essa efetuação acontecimental, o poeta sabe contra-efetuar, isto é, *insistir na vida do acontecimento ao aceitá-lo e transformá-lo*. Se, na efetuação, o acontecimento tem caráter de efeito do encontro de corpos, na contra-efetuação o corpo consegue tornar-se causa do acontecimento que se imprimiu sobre sua superfície. Eis que o acontecimento não se "exprime", no sentido da indicação de seus conteúdos. Qualquer gesto que vise a demonstrar um acontecimento, não o transmite, senão o *in*-forma.

Nessa perspectiva, todas as coisas são acontecimentos (estamos já muito distantes de compreendê-los como raridade e exceção), e, estão em processo de constituição e desconstituição enquanto tal – e também enquanto *signos*. Efetuam-se na superfície, como

incorpóreos; mas contra-efetuam-se nos próprios corpos. As ações tomadas a partir da contra-efetuação encetam novos encontros; portanto, novos acontecimentos. A consistência de um acontecimento singular só é adquirida a partir de sua colocação em séries significantes, que contra-efetuam e estabilizam, temporariamente, o sentido – mas as séries são potencialmente infinitas, o que resguarda a elas um potencial de transformação, uma via ao *Aion*. Nenhum fato está isolado, pois ele está potencialmente relacionado a uma miríade de outros fatos e possui a possibilidade de vir a ser na semiose ainda outro e assim infinitamente.

Com a constituição do conceito a este modo, Deleuze (2015) deixa para trás qualquer dialética ou pensamento da síntese, qualquer compreensão comunicativa que envolva transmissão ou acordo. O fluxo acontecimental se compreende como:

> [...] uma operação a partir da qual duas coisas ou duas determinações são afirmadas por sua diferença, isto é, não são objetos de afirmação simultânea senão na medida em que sua diferença é ela própria afirmada, ela própria afirmativa. (DELEUZE, 2015, p. 178).

Assim, o sentido não é *resultante* de uma ação de Comunicação, mas é como a afirmação da própria relação entre diferentes agenciamentos, ou melhor, é a afirmação do próprio *processo de Comunicação*, compreendido aqui como a expressão da relação entre acontecimentos de diferentes níveis: efetuados, contra-efetuados, passados, presentes e ainda futuros.

Não se comunica o acidente de carro, tampouco o acidente de carro abre espaço para que os seres se comuniquem a partir da cognição dele: ele próprio é comunicativo, e produz comunicação na medida em que seu fenômeno produz relações entre suas dimensões de acaso, força e hábito, como vimos também com Peirce (1994). “O acontecimento não é o que acontece (acidente), ele é no que acontece o puro expresso que nos dá sinal e nos espera” (DELEUZE, 2015, p. 152). A Comunicação, para a Semiótica Crítica, é o modo de tradução desse expresso; em signos, em mundo.

4 Considerações finais

Essas foram notas, apontamentos, perspectivas que não se querem exaustivas ou definitivas. À pergunta “O que acontece com o acontecimento na Comunicação?”. Não parece

haver uma só resposta, pela dispersão de abordagens e pela igual multiplicação de contra-argumentos. Aqui, nos cabe apontar um dos caminhos possíveis não apenas para responder aquela dúvida, mas para ajudá-la a tornar-se outro, de aspecto mais produtivo à área: "O que fazer, comunicacionalmente, com o que acontece?", esse é o caminho da semiótica.

Este parece ser o núcleo duro da proposta de nosso projeto: apontar a impossibilidade de abarcar os fenômenos e os eventos senão por seu caráter sígnico. Como nos aparecem e como, assim, fazem mundo e os próprios acontecimentos.

A partir do signo, mas também com ele, é que podemos voltar a algumas questões feitas na exposição das teorias comunicacionais do acontecimento, para demonstrar as potencialidades da abordagem da Semiótica Crítica.

"O acontecimento pré-existe a sua notícia?", por exemplo. Aqui e agora, diríamos que *sim* e *não*. Como efeito incorporal, ele se dá em outro campo e outro tempo, fora dos corpos, onde vai atualizar-se; e tendo em vista a concepção pragmaticista, ele é um efeito existente de encontros, como do sol com a chuva, e o é independente de o observarmos. Porém, só podemos tratar deles a partir de caracteres conhecidos, pré-determinados, elementos de significação; e só podemos tratá-lo a partir do que apresenta no estado de coisas. O que acontece só se apreende na medida em que acontece como signo. A notícia, como exercício e prática comunicacional, passa a ser não uma ordem de registro ou de verificabilidade dos fatos. É um espaço de contra-efetuação, que é o que permite não só a cognição do acontecimento, mas sua sobre-vida e sua re-constituição.

Aí podemos começar a responder outras questões disparadas, como "O acontecimento é o que permite a Comunicação? É o que a define?". O acontecimento é que permite a Comunicação, mas não enquanto um espaço de comunhão que a precede ou como um objeto que a preenche: ele engendra a Comunicação por uma necessidade de adquirir consistência, como efeito e demanda de sua própria insistência sobre o mundo. Assim, o acontecimento define a Comunicação apenas na mesma medida em que o contrário é também verdade.

Como lemos com David Lapoujade (2016), que conjuga leituras de Deleuze com um interesse pelo pragmatismo: embora consideremos a realidade como exterior a nós, não quer dizer que nos consideremos *sob* seu jugo. Sendo externa, ela é construída por nós, colocada por nós *em signos*. O acontecimento é aí uma força de força de ação desse real, bem como caminho para sua reconstrução no espaço da semiose.

Assim, entendemos que Comunicação é sempre começar pelo *meio.* O meio como mídia, como o signo que opera as traduções entre objetos dinâmicos e objetos imediatos,

como o corpo que contra-efetua. Mas também um meio do tempo presente, mas que se quer meramente Crono-lógico; tendo ciência de que, se referindo também a um passado, opera sempre na construção de um futuro.

Financiamento

Este artigo articula elementos de um projeto de pesquisa financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), entre agosto de 2019 e agosto de 2022.

Referências

BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira (org.). **Jornalismo e Acontecimento**: mapeamentos críticos. v. 1. Florianópolis: Insular, 2010.

BENETTI, Marcia. O jornalismo como acontecimento. *In*: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia. **Jornalismo e acontecimento:** mapeamentos críticos. v. 1. Florianópolis: Insular, 2010, p. 143-164.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DOSSE, François. **Renascimento do acontecimento**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. O acontecimento para além do acontecimento: uma ferramenta heurística. *In*: FRANÇA, Vera Regina Veiga; OLIVEIRA, Luciana de (org.). **Acontecimento**: reverberações. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. p. 39-51.

FRANÇA, Vera Veiga. Partilhando experiências: a atração e o desafio da comunicação. *In*: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (org.). **Epistemologia da comunicação no Brasil**: trajetórias autorreflexivas. São Paulo: ECA-USP, 2016. p. 209-224.

GRUPO DE PESQUISA EM SEMIÓTICA E CULTURAS DA COMUNICAÇÃO *et al*. A aventura crítica da semiótica. **Semeiosis**, São Paulo, v. 11, n. 1 p. 17-34, 2020.

HENN, Ronaldo. O acontecimento jornalístico a partir da semiótica de Peirce. [Entrevista cedida a] Andriolli Costa e Ricardo Machado. **Revista IHU On-line**, São Leopoldo, ed. 457, 27 out. 2014.

LAPOUJADE, David. **William James e a Construção da Experiência**. São Paulo: n-1 edições, 2016.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Até que ponto, de fato, nos comunicamos?** São Paulo: Paulus, 2007.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Esquecer Peirce?** São Paulo: ECA-USP, 2018.

MARCONDES FILO, Ciro. **O rosto e a máquina**: o fenômeno da comunicação visto dos ângulos humano, medial e tecnológico. São Paulo: Paulus, 2013. (Nova teoria da comunicação, v. 1).

MARCONDES FILHO, Ciro. **O escavador de silêncios**: formas de construir e de desconstruir sentidos na comunicação. São Paulo: Paulus, 2004.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

PEIRCE, Charles Sanders. **The collected papers of Charles Sanders Peirce**. Cambridge: Harvard University Press, 1994.

RODRIGUES, Adriano. O acontecimento. *In*: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo**: questões, teorias e "estórias". Lisboa: Vega, 1993. p. 27-33.

SANTAELLA, Lúcia. **A assinatura das coisas**: Peirce e a literatura. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

SILVA, Alexandre Rocha da; *et al*. Deleuze e a semiótica crítica. **Semeiosis**, São Paulo, v. 4, n. 1 p. 1-14, 2013.

Events of the event in Communication: the perspective of Critical Semiotics, from semiosis to counter-effectuation

Abstract

This article presents part of the path traced by the research *Critical Semiotics: Communication as Event*. As an entry point to the work, we will present here the central hypothesis and our objectives; namely, the perception that the concept of event, despite its importance, is dispersed in the area of Communication, and fluctuates between empiricist, functionalist and/or phenomenological understandings. Speculating another possible life to the concept, with another potentiality to communicational research, we started to investigate the pragmatic dimensions of the event, between Charles Sanders Peirce's semiotics, and Gilles Deleuze's philosophy. By thinking of the event in its effects, with its inseparable effectuation and counter-effectuation, it opens space for a thought of Communication that does not reify its objects or experience but focuses on understanding the translations involved therein.

Keywords

Event; Critical Semiotic; Semiosis; Counter-effectuation

Autoria para correspondência

Luis Felipe Silveira de Abreu
paraluisabreu@gmail.com

Grupo de Pesquisa Semiótica e Culturas da Comunicação
gpsemiotica@gmail.com

Como citar

SILVA; Alexandre Rocha da; *et al*. Acontecimentos do acontecimento na Comunicação: a perspectiva da Semiótica Crítica, da semiose à contra-efetuação. **Intexto**, Porto Alegre, n. 54, e-120304, 2022. http://doi.org/10.19132/1807-8583202254.120304

Recebido em 25/11/2021
Aceito em 07/02/2022

CC BY NC